

Entrevista Roberto Romano

# Diálogo é a única forma de mudança

No mês em que Michel Temer completou um ano à frente da Presidência, uma nuvem de denúncias, gravações comprometedoras e delações abateu-se sobre seu governo. Nem mesmo o trauma do impeachment foi capaz de frear os atos de corrupção. Doze meses se passaram, mas a sensação é a de que não houve nenhum avanço ético. Em entrevista à repórter Marcela Balbino, o doutor em filosofia e professor de Ética Política da **Unicamp** Roberto Romano faz um diagnóstico rigoroso da falta de ética na vida pública.



MARCIO FERNANDES/ESTADÃO CONTEUDO

**JORNAL DO COMMERIO - O presidente Michel Temer chegou no governo há um ano vendendo a ideia de que era a solução para pacificar o País, aprovar reformas... Tudo aquilo que a Dilma teve muita dificuldade de fazer no segundo mandato. Hoje, seu governo está encucalado. A sociedade ou os políticos não aprenderam nada com todo este trauma?**

**ROBERTO ROMANO** - Em toda crise política, social, econômica e, sobretudo, ética não há saída que não seja traumática. Os socráticos definiam a crise como aquele instante em que você está para morrer ou para se recuperar. Então, é um momento delicado e que exige muito. Se não for feito um esforço muito grande, não dá para sair de crise nenhuma. Evidentemente as medidas a serem tomadas são aquelas que rompem com aquilo que levou à crise. Se você não tem procedimentos traumáticos você não rompe com o habitual. Você tem uma prática ética brasileira da troca do favor, do jeitinho, do 'é dando que se recebe'. Nesses últimos dias, o presidente Temer acentuou essa prática aumentando o número de verbas para deputados, senadores e perdendo dívidas de municípios e Estados. A crise ética precisa receber duchas frias. Precisa receber choques para que ela se mostre na sua mentira e nocividade que nos abala. Tudo que pudermos fazer para trazer traumas de consciência para sociedade nós temos que fazer. Manifestações públicas na praça, artigos na imprensa, discussão na internet. Mas discussão de verdade, porque muitas são ataques mútuos, que não levam a nenhuma mudança de consciência. Quando você tem esses xingamentos na internet, 'coxinha', 'petralha', simplesmente nada foi trocado, nada foi mudado. O diálogo é a única maneira de você encontrar um ponto de vista alheio e repensar o seu. Aí temos condição de mudar.

**JC - Houve avanço ético na política ou na sociedade desde o impeachment?**

**ROMANO** - Não houve progresso ético desde o impeachment. A situação do Estado continua a mesma. Nós estamos vivendo exatamente como vivemos nos séculos XIX e XX inteiros. Vivemos em uma sociedade não igualitária, não democrática, não atenta aos direitos humanos. Veja o que tem acontecido em relação aos direitos indígenas, aos direitos humanos, aos homossexuais. A reinterpretação que tem sido pro-

posta para a Lei Maria da Penha. Vemos uma sociedade violenta que é regida por um Estado violento, que abusa da força física e dos impostos, não presta contas a ninguém. Do ponto de vista ético, você precisa mudar esse script. Quando você se torna um espectador da vida política você vai se envenenando cada vez mais da sujeira da política. E, ao invés de tomar uma atitude positiva de fortalecimento do corpo e da sua alma, você vai cada vez mais adoecendo de pessimismo.

“Não houve progresso ético desde o impeachment. A situação do Estado continua a mesma. Nós estamos vivendo exatamente como vivemos nos séculos XIX e XX inteiros.”

**JC - O senhor vê um vazio de lideranças no Brasil? Esta semana ventillou-se a renúncia de Temer e eleição indireta, mas faltaram nomes.**

**ROMANO** - Quando você tem um não empenho na política, você não vê a renovação nas lideranças. Não tem ninguém. Há 25 anos, por exemplo, você tinha lideranças nacionais consideráveis, como Mário Covas, Miguel Arraes, Leonel Brizola, Tancredo Neves e Ulisses Guimarães. Eles eram respeitados, discutidos, debatidos e tinham capacidade de liderança. Hoje o que você tem? Tem o Lula com os 30% de índice de popularidade e é o nome mais conhecido no País. Se você vai para Rio Branco e fala do (João) Dória ou do (Geraldo) Alckmin ninguém sabe. O PT, com essa posição de promover só o Lula, também não criou lideranças nacionais.

**JC - Em meio às denúncias contra Temer, ganhou força o nome da presiden-**

**te do STF, Carmem Lúcia, para uma eventual eleição indireta. Qual sua avaliação?**

**ROMANO** - Vai ser um desastre. Um desastre para ela, para a Justiça e para o País, porque a presença dela vai tornar a relação do poder Executivo com o Judiciário extremamente ambígua. Ela vai ser puxada para o olho do furacão.

**JC - Em meio à essa falta de nomes, começam a surgir nomes como Bolsonaro e Dória. O senhor acredita que a figura do 'outsider' possa faturar em cima desse vazio de lideranças?**

**ROMANO** - Pode prosperar, sim, mas com uma dificuldade maior, porque com a prisão de João Santana o reino do marketing político, que era restrito no Brasil, desidratou. Você tinha a oportunidade com o marketing de criar um mundo de fantasias e ilusões. Gente como Dória, que diz que não é político, está se preparando para se vender como sabonete, naquela estratégia de marketing tradicional. Mas eles não vão ter nem dinheiro para pagar a propaganda que o Duda Mendonça e o João faziam, porque a situação mudou. Para se ter ideia do desarrazoado de ideia e da falta de liderança é o fato de o Luciano Hulk ser cogitado. Há 10 anos isso seria piada de mau gosto, agora o Fernando Henrique diz que é algo a ser pensado.

**JC - Há alguma lição que podemos tirar em meio a todo esse conflito ético?**

**ROMANO** - Acho que é possível. Como nunca, a imprensa tem cumprido seu papel e esse já é um dado positivíssimo, porque é um antídoto contra posições autoritárias. Você tem sinais de que a cidadania não está disposta a ficar naquela posição de espectadora. Começou a funcionar, de uma maneira mais eficaz, procedimentos legais que foram impostos pela multidão de brasileiros, como a Lei da Ficha Limpa e a da Transparência. Se nós não tivéssemos a Lei da Transparência muito seguramente o ministro Fachin teria demorado para liberar aquela investigação que tem causado tanta dor de cabeça hoje. Agora o mais urgente é uma Constituinte para desenhar de novo o Estado brasileiro e a política, porque do jeito que está não tem saída. É preciso que deixemos de ser espectadores da ordem política e nos tornemos atores dela. Esse é o elemento fundamental.